

Leitoras e leituras feministas no Brasil, Argentina e Uruguai (1960-1985)

Joana Vieira Borges*

As décadas de 1960, 1970 e 1980 foram expressivas na história dos movimentos feministas do Brasil, Argentina e Uruguai, entre outros países latino-americanos, por apresentarem a particularidade das ditaduras militares. Embora os movimentos feministas nesses países tenham vivenciado suas trajetórias em tempos¹ e maneiras distintas em relação ao período repressivo (Pedro, 2008, p. 161-162), de uma maneira geral os movimentos sociais – excluídos de sua livre expressão e, conseqüentemente, sem o poder de manifestar-se livremente – sofreram as pressões exercidas pelos regimes de perseguições, prisões, torturas, desaparecimentos e censura iniciados durante as décadas de 1960 e 1970.

Em outros países, em que a cidadania era respeitada, as atuações dos movimentos feministas e suas manifestações puderam acontecer nas ruas, como foi o caso da França, da Alemanha, Itália, Estados Unidos e Inglaterra. Essas manifestações correspondiam à luta pelo direito ao uso de contraceptivos, direito ao aborto, entre outras questões (Pinsky; Pedro, 2003, p. 265-309). Em contrapartida, no Brasil – bem como nos outros países do Cone Sul –, mulheres e homens que participavam não somente dos movimentos feministas mas também de outros movimentos sociais

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1 Brasil (1964-1985), Argentina (os golpes se deram em 1966 e 1976, e as redemocratizações em 1973 e 1983, respectivamente), Chile (1973-1990), Paraguai (1954-1989), Uruguai (1973-1985) e Bolívia (1964-1982, com interrupções no processo ditatorial).

foram ameaçados pelo regime militar caso se manifestassem publicamente, sob o risco de serem identificados como “comunistas” (Motta, 2002). Assim, por força de contextos repressivos, as atuações dos movimentos feministas latino-americanos combinaram muitas vezes a militância política contra os regimes militares com reivindicações de defesa dos direitos humanos, desenvolvendo por vezes uma dupla militância.

Partindo desse contexto, este artigo pretende refletir sobre as leituras realizadas pelos movimentos feministas no Brasil, Argentina e Uruguai entre a década de 1960 e meados da década de 1980, buscando compreender quais obras foram lidas nessas circunstâncias e quais os impactos que elas produziram na constituição dos movimentos feministas e nas identificações pessoais com o feminismo.

Através de entrevistas realizadas recentemente para os projetos de pesquisa “Revoluções do Gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)”² e “Movimento de Mulheres e Feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)”³, ambos coordenados pela Prof^a Joana Maria Pedro na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), procuro perceber as ressonâncias das leituras nas falas de algumas feministas no intuito de compreender a importância dessas na construção dos movimentos e de suas leitoras.

O objetivo central é refletir sobre um período específico da história do feminismo latino-americano através das narrativas memorialísticas sobre as leituras de uma geração de feministas que tiveram uma participação social significativa em momentos políticos cruciais na história de seus países. Entretanto, me dedicarei especificamente às leituras de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, dentre as tantas outras leituras citadas, como forma de lembrar aqui os 60 anos de publicação do texto⁴.

2 A maioria das entrevistas realizadas com as feministas brasileiras fazem parte deste projeto, iniciado em 2004 e concluído em 2007, do qual fiz parte como bolsista de mestrado em História.

3 Este projeto de pesquisa, iniciado em março de 2007, conta ainda com a participação de professores e professoras, estudantes de graduação e pós-graduação vinculados ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

4 A publicação de *O segundo sexo* ocorreu originalmente na França no ano de 1949.

As fontes orais

As entrevistas trazem as narrativas de algumas das feministas brasileiras, argentinas e uruguaias que têm por característica comum uma história de atuação em instituições e organizações feministas em seus respectivos países e, dessa forma, um reconhecimento nos cenários nacionais em relação ao movimento feminista. Segundo minha análise, esse grupo de leitoras é “ao mesmo tempo objeto da história” e “instrumento de análise”, uma vez que o sentido geracional, além de ser um fator “biológico”, e por isso natural, é igualmente um “fator cultural” moldado pelos acontecimentos e pelo sentimento de pertencimento a uma “faixa etária com forte identidade diferencial” (Sirinelli, 2002, p. 133).

Dessa maneira, a geração selecionada para a análise é de mulheres na faixa etária de 50 a 69 anos de idade que, entre os anos 1960, 1970 e 1980, identificaram-se com os feminismos - seja através das universidades, partidos políticos ou outros setores de militância -, tiveram participação na divulgação das ideias do movimento e possuem alguma leitura de *O segundo sexo*. Embora não tenham sido indagadas apenas sobre as leituras que realizaram desse texto, ao serem interrogadas sobre os livros que consideraram importantes em seus momentos de identificação como feministas, citam, entre outros, esse ensaio de Simone de Beauvoir. Importante atentar ainda ao fato de que o grupo de feministas apresentadas aqui representa uma amostra e que em sua maioria atuam ou atuaram nos meios acadêmicos⁵.

A Prof^a Joana Maria Pedro contou, para a realização das entrevistas, com uma rede de relações acadêmicas no intuito de entrar em contato com as entrevistadas. O roteiro das entrevistas abordaria, entre outras, as seguintes questões: 1) No período de 1964 a 1985 identificou-se com o feminismo? 2) Em que circunstâncias? 3) Como viveu o período da ditadura (o que fazia e onde)? 4) Que coisas aconteceram para que passasse a se identificar com o feminismo? 5) Quais leituras e/ou pessoas tiveram influência? 6) Divulgou essas ideias? Por que meios? As entrevistas foram

5 Estou analisando em minha tese, até o momento, 39 entrevistas com feministas brasileiras e 13 entrevistas com feministas argentinas. Para este artigo, contei ainda com o acervo de seis entrevistas com feministas uruguaias, das quais utilizei apenas duas, pois mencionavam uma leitura de *O segundo sexo*.

gravadas e posteriormente transcritas e revisadas por membros da equipe, e algumas delas estão sendo aos poucos disponibilizadas no site do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), na seção “Memórias do Feminismo”, com outros documentos que compõem o acervo da pesquisa.⁶

Em relação às narrativas a respeito das leituras de *O segundo sexo* contidas nas entrevistas realizadas com as feministas, busco problematizá-las a partir de reflexões sobre História Oral e memória. Segundo Verena Alberti (1990, p. 45), “é na realização de entrevistas que se situa efetivamente o *façer* a história oral: é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo” (grifo da autora). Ou seja, a análise das narrativas empregada neste trabalho está consciente do tratamento dado às entrevistas no momento em que essas foram realizadas, no que diz respeito à História Oral, e aqui entendo os cuidadosos investimentos na elaboração dos roteiros, nos mecanismos de controle de acompanhamento das entrevistas, nas transcrições, o cuidado com a concessão dos depoimentos e, principalmente, com as especificidades que se estabeleceram nas relações entrevistador(a)-entrevistada. Contudo, o que utilizei para minha reflexão foram as falas já transcritas como documentos⁷ e, desse modo, as abordarei sobretudo da perspectiva da memória.

A representatividade dos depoimentos utilizados na análise não pretende marcar um “senso comum” em relação às experiências de leitura entre uma geração de leitoras feministas latino-americanas, mas indicar os textos lidos por algumas delas e, especialmente, a maneira como que se relacionaram com esses textos. Portanto, as fontes orais e memorialísticas são significativas na capacidade que têm de abrir um horizonte de possibilidades para a construção de uma subjetividade socialmente compartilhada (Portelli, 1996). Assim, as entrevistas – mesmo que tenham sido realizadas no intuito de responder a outros objetivos⁸ – não apenas permitem apreender as possibilidades de uma época, em que o texto de Beauvoir foi lido, como apontam quem foram suas leitoras e de que modo

6 INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO. Disponível em: <www.ieg.ufsc.br/index.php>. Acesso em: 7 jan. 2010.

7 Para grande parte das entrevistas, tive acesso ao áudio das gravações.

8 As principais condições levadas em conta na escolha das feministas que seriam entrevistadas foram o fato de se identificarem com o feminismo e, de algum modo, divulgarem seus pressupostos.

se deram suas leituras. De acordo com os elementos que fornecem, as narrativas possibilitam a realização de uma história da leitura⁹ de *O segundo sexo* para uma determinada geração que compartilha trajetórias pessoais e experiências coletivas por vezes similares.

É preciso estar ciente ainda das operações memorialísticas contidas nas narrativas. Para Marina Maluf, a recordação é fornecida pelo(a) narrador(a) através de um sentimento de realidade que esse(a) tem ao discorrer sobre seu passado. Segundo a autora, “nada é esquecido ou lembrado no trabalho de recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra” (Maluf, 1995, p. 31). Ou seja, o “ato de relembrar” é reconstituição seletiva de um passado através de um lugar social, e portanto coletivo, que aquele(a) que lembra ocupa no presente. Devo enfatizar que as feministas entrevistadas, no momento de suas falas, estão “contaminadas” pelas lembranças, “olhando” para um passado através de uma indagação atual, e dessa forma construindo-se na narrativa e selecionando as leituras de acordo com a relevância de serem citadas. Nesse sentido:

É importante observar que os registros memorialísticos devem ser lidos e analisados como fachos de luz sobre realidades que se pretende conhecer mais profundamente, como pistas e como modos de despistar. Cabe ao historiador tentar ir além do que foi lembrado [...] (Maluf, 1995, p. 45).

As leituras

O segundo sexo, de Simone de Beauvoir, publicado na França em 1949, passou a ser uma das obras precursoras dos estudos sobre as mulheres e, posteriormente, das relações de gênero, tornando-se referência para os feminismos, principalmente a partir dos anos 1960 e 1970, período em

9 Estou entendendo que as construções de sentidos efetuadas nas leituras são processos historicamente determinados, que variam de acordo com o lugar, o tempo e os grupos sociais. As leituras diferem de pessoa a pessoa, que dão aos textos significações plurais e móveis, não necessariamente aquelas intencionadas pelo autor(a). (Chartier, 1996).

que se inicia a Segunda Onda Feminista, marcada pelas reivindicações de direitos ao corpo e ao prazer¹⁰.

Traduzido para mais de 30 idiomas e publicado em diversos países, o texto de Beauvoir foi considerado por muitos(as) um atentado à família, ao amor e à classe operária, sobretudo na França (Moraes, 1999). Entretanto, em alguns lugares as polêmicas não geraram a dimensão do exemplo francês, com debates acalorados nos círculos intelectuais. No caso da Argentina, a repercussão produzida pelo livro não passou de um debate subentendido, e até mesmo ocultado, por uma discussão local acerca da sexualidade (Narí, 2002).

Marcela Narí¹¹, que pesquisou sobre a maneira como Simone de Beauvoir era mencionada em algumas revistas argentinas na década de 1950 e 1960, sentenciou logo no início de seu artigo, intitulado “No se nasce feminista, se llega a serlo. Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir en Argentina, 1950 y 1990”: “O escândalo que produziu em Paris não parece ter se reproduzido em Buenos Aires” (Narí, 2002, p. 59). De acordo com a autora, a polêmica que *O segundo sexo* gerou quando publicado em espanhol na Argentina, em 1954, pode ser definida como “uma trama um tanto difusa e sinuosa de um embate latente e esquivo” (Idem, p. 60). Ou seja, houve certa difusão do texto nos círculos intelectuais e políticos argentinos que estavam discutindo os sexos nas páginas dos periódicos naqueles anos de 1950 e 1960.

Para a autora, no final da década de 1990 na Argentina, parece que Simone de Beauvoir obscureceu Margareth Mead e Virginia Woolf, mas nem sempre teria sido assim. Segundo Narí, “Um teto todo seu”¹², de Virginia Woolf, aparece como mais citado e comentado nas revistas e publicações dos anos 1950 e 1960 do que *O segundo sexo* no que diz respeito ao “problema da mulher” (Narí, 2002, p. 60). Contudo, anos mais

10 Importante ressaltar aqui a variabilidade nas determinações dos períodos e das características que a Segunda Onda Feminista alcançou em diferentes lugares do mundo. Nem todos os feminismos se desenvolveram da mesma maneira e ao mesmo tempo nos diferentes países (ERGAS, 1995).

11 Marcela María Alejandra Narí pertenceu ao Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género da Fac. Filosofía y Letras da UBA – Universidad de Buenos Aires até seu falecimento, em 2000.

12 Em seu ensaio *Um teto todo seu*, publicado em 1929, Virginia Woolf analisa a situação das mulheres e a literatura, ou seja, as condições que as mulheres escritoras enfrentam para consolidar um espaço de independência.

tarde é que será reconhecido o silencioso golpe que *O segundo sexo* causou na intelectualidade argentina.

As leituras de Virginia Woolf também foram evidenciadas nas falas de algumas das feministas argentinas e podemos pensar que isso ocorreu possivelmente por conta dessa repercussão nas revistas argentinas apontadas por Marcela Nari. Nas narrativas de Adriana Boria (s/dj), Dora Barrancos (2006) e Mirta Henault (2007), por exemplo, a leitura de Virginia Woolf foi citada como uma das importantes do momento em que elas se identificaram com o feminismo.

Mirta Henault, feminista argentina que participou da Unión Feminista Argentina (UFA)¹³ e do grupo Nueva Mujer¹⁴, foi militante sindical perseguida pela Aliança Anticomunista Argentina (Triple A) e por essa razão teria se autoexilado no Brasil em 1974. Mais adiante veremos que Henault já se considerava feminista antes da sua vinda ao Brasil. Sobre suas leituras, narra que Virginia Woolf teria sido uma influência maior que Simone de Beauvoir, que ela qualifica como “muito sartreana”.

Henault narra a influência intelectual de Sartre sob Simone de Beauvoir como um entrave à sua leitura, sem aprofundar, no entanto, suas explicações. Contudo, algumas feministas brasileiras entrevistadas qualificaram a leitura de *O segundo sexo* como “cerebral” e “psicanalítica demais”, mostrando que a densidade filosófica que Simone dava aos seus escritos, bem como seus diálogos com o existencialismo, talvez tenham se apresentado como um entrave para algumas leitoras:

Eu não fui influenciada por Simone de Beauvoir. Mas fui por Virginia Woolf. Não sei por que, me parecia muito sartreana, e que continuo achando (risos), mas teve seu mérito, seu grande valor, principalmente a última época de Simone de Beauvoir, quando já se dizia feminista. Simone sempre teve a influência de Jean Paul. Não sei, isso é o que eu acho (Henault, 2007).

13 A Unión Feminista Argentina (UFA) foi fundada por Nelly Bugallo, Leonor Calvera, María Luisa Bemberg e Gabriella Roncoroni de Christeller, entre outras, em 1970. Ver a esse respeito Grammatico, 2005, p. 20.

14 Um grupo e um selo editorial feminista ligado à UFA. Karin Grammatico se refere à atividade de Mirta Henault no “Nueva Mujer” em seu artigo. Segundo a autora, o “Nueva Mujer” foi criado em 1971 e começou sua atividade profissional com a realização de algumas traduções (Grammatico, 2005, p. 37).

A fala de Henault também nos leva a pensar que talvez a imagem de uma Simone de Beauvoir dependente e influenciada por Sartre não agradasse à leitora (como não agradou a algumas das entrevistadas), principalmente quando ela diz que a escritora francesa teve seu “grande valor” após sua identificação com o feminismo.

Podemos perceber, nas falas de Mirta Henault e Adriana Boria, que veremos a seguir, a circulação e a influência do existencialismo na Argentina nas décadas de 1960 e 1970. No Brasil, o existencialismo ganharia ampla difusão com a vinda de Simone de Beauvoir e Sartre em 1960, ocasião em que o filósofo francês proferiu algumas conferências sobre o tema em universidades do país (Romano, 2002, p. 96-98). Essa corrente de pensamento foi popularizada em meados do século XX pelas obras de Sartre, principalmente *O Ser e o Nada*, e os escritos de Simone de Beauvoir, entre eles o ensaio *O Existencialismo e a sabedoria das nações* (Penha, 1990, p. 51-110). Sartre afirmaria o primado da “existência” sobre a “essência” ao afirmar que “a existência precede a essência”, e Simone de Beauvoir utilizaria a perspectiva existencialista como base filosófica em *O segundo sexo*, fundamentando a famosa frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1975, p. 9)¹⁵.

Adriana Boria, que foi militante de grupos estudantis em Córdoba no período da ditadura e atualmente é professora de Teoria Literária na Universidade Nacional de Córdoba, relata que sua geração – que ela qualifica como “a geração dos anos 70 em Córdoba” – recebeu influência do existencialismo sartreano e, junto deste, a leitura de Simone de Beauvoir, primeiramente de *A mulher desiludida* e depois de *O segundo sexo* (Boria, [s/d]). Ou seja, para Adriana, assim como para outras feministas entrevistadas, o existencialismo sartreano não se apresentou como um obstáculo à leitura.

Boria narra que sua identificação com o feminismo ocorreu quando participou de um projeto acadêmico sobre empregadas domésticas em Córdoba durante os anos 1980. Segundo relata, embora a *A mulher desiludida* tenha sido marcante na sua formação nesse mesmo período, o texto de Virginia Woolf *Um teto todo seu* foi uma leitura de maior importância.

15 “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (Beauvoir, 1975, p. 9).

Ah, e sabes de outra coisa, nos anos oitenta, fez-se aqui uma edição de “Um teto todo seu”, de Virginia Woolf. E essa leitura de “Um teto todo seu”, seus aspectos [...] foram pra mim muito importantes. Muito importantes. É a edição que eu tenho, pois a comprei neste momento, quando foi editada em Córdoba. Isso foi uma coisa muito importante para mim (Boria, [s/d]).

Aqui percebemos que, do mesmo modo que sugere Marcela Narí, Simone de Beauvoir pode ter obscurecido Virginia Woolf no final da década de 1990, mas nem sempre teria sido assim. Através das falas constatamos a circulação e a influência dos escritos da autora inglesa para as feministas.

Voltando às narrativas, Dora Barrancos, que foi militante socialista refugiada da ditadura militar argentina no Brasil durante os anos de 1976 a 1983, relata que sua identificação com o feminismo ocorreu aqui quando participou do Movimento Feminino pela Anistia. Narra em sua entrevista que ganhou os dois volumes de *O segundo sexo* de uma amiga que conheceu nos anos 1960. Contudo, relata ter iniciado suas leituras de Simone de Beauvoir pelo que denomina “leituras periféricas”, ou seja, não pelo famoso ensaio em questão, mas por uma série de outros textos da autora (Barrancos, 2006).

Barrancos fala que sua leitura de *O segundo sexo* ocorreu muito depois de ter se tornado feminista, assim como a leitura de *Um teto todo seu*, que segundo conta, marcou-lhe tanto que ela ainda recomenda aos colegas que fazem História Intelectual como um bom exemplo de crítica cultural.

Eu coloco muito Virginia Woolf porque ela nunca diz ser feminista. Ela não tem cor, ela acredita [...] ela disse muito bem no “Um teto todo seu” que nós temos que desfazer [...] ela provoca a ideia de que haverá a androgenia [...] a sua proposta vai muito além (Barrancos, 2006).

Marcela Narí trabalhou também com entrevistas que foram realizadas com mulheres de classe média que, nos anos 1950 e 1960, tiveram alguma participação política e nos anos 1970 e 1980 começaram a se considerar feministas. No entanto, em seu artigo dedicou um espaço bem menor a elas, fornecendo poucas informações sobre as leituras.

Ao lerem *O segundo sexo* na década de 1950 e 1960, as argentinas entrevistadas por Nari afirmaram que o texto de Beauvoir lhes despertou, naquele momento, a subordinação feminina como um problema para “as outras” (Nari, 2002, p. 70). Para a maioria delas, a militância política era a causa primordial, e a desigualdade de gênero seria desarticulada assim que a igualdade de classes fosse alcançada.

Em algumas narrativas das feministas entrevistadas pelos projetos anteriormente citados, e dos quais faço parte, encontrei essa mesma maneira de identificar a discriminação sexual como um problema para as outras mulheres (donas de casa, esposas e/ou mães), que seriam as verdadeiras oprimidas e alienadas. Até mesmo Simone de Beauvoir, num primeiro momento, afirmava que sua situação intelectual, seu modo de viver a profissão e a vida, e seus relacionamentos com as outras pessoas não faziam dela uma mulher discriminada por conta da opressão masculina (Beauvoir, 1976, p. 79-80).

Segundo Nari, a discriminação de gênero só seria percebida por essas mulheres depois de passarem por processos de ruptura com os grupos políticos ainda nos anos 1970, quando então muitas delas se tornaram feministas e leram o livro de Beauvoir. Entretanto, para Sara Torres (2007), feminista argentina que participou como voluntária da Unión Feminista Argentina (UFA) na década de 1970, a leitura desse texto foi fundamental para ela já no final dos anos 1950.

Eu comecei a me relacionar com a problemática, que ainda não tinha o nome de feminismo, desde o ano de 1959, em que li “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir. Então, bem, isso foi um “clac” (sic) que me deu na cabeça, eu tinha dezenove anos, e a partir daí foi como uma ferramenta para olhar a realidade de um outro ângulo e me dar conta dos papéis definidos, as injustiças dos papéis [...] E quando começam os 60 (anos) o movimento nos Estados Unidos, todo o tempo eu lia o que aparecia ali e em outras partes do mundo e dizia: “quando, aqui na Argentina, vamos poder fazer algo assim?” (Torres, 2007).

Não encontrei, até o momento, um trabalho que trate especificamente da circulação e leitura de *O segundo sexo* no Uruguai, e ainda desconheço a data de sua primeira publicação no país, contudo, pelas entrevistas

realizadas, podemos perceber como teriam ocorrido os primeiros contatos das feministas com o ensaio de Simone de Beauvoir.

Elena Fonseca (2006), feminista uruguaia, também narra uma leitura de *O segundo sexo* anterior à década de 1960, assim como Sara Torres na Argentina. Elena viveu fora do Uruguai muitos anos acompanhando seu marido, que era diplomata, e durante esse tempo viveu em países como Espanha, Canadá e Bélgica, voltando ao Uruguai no período de ditadura militar, no início dos anos 1970. Para ela, a eclosão do movimento feminista no Uruguai ocorreu com o término da ditadura, em 1985.

Quando questionada na entrevista sobre sua identificação com o feminismo, Elena relata quando e como ocorreu sua leitura de *O segundo sexo*, ainda em meados da década de 1950, aos 25 anos, já casada e mãe. Podemos supor, então, que a leitura do texto de Simone de Beauvoir não ocorreu no Uruguai, mas no período em que viajava acompanhando o marido.

Quando eu li Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo”, eu pensei, este livro eu poderia ter escrito, porque tudo o que diz – e eu tenho ele todo sublinhado – porque tudo o que diz Simone de Beauvoir era como se eu tivesse pensado. E eu me pergunto por quê, já que eu fui educada em colégio católico, de uma família assim, digamos, também conservadora e tudo isso. Mas mesmo assim, foi como se fosse algo meu, não me pareceu realmente que ela estava falando de algo novo, eu entendi perfeitamente toda a argumentação dela e bom... acredito que eu não fui a única no mundo, a milhares de mulheres deve ter se passado o mesmo. Para mim foi realmente uma descoberta. Não mudou nada na minha vida nesse momento, não mudou minha atividade, porque era muito difícil no mundo em que nós estávamos, indo de um país a outro, não podia engrenar com essa... com grupos feministas, tampouco penso que houvesse nessa época em outros lados. O que eu sempre tive foi um engajamento social muito grande, sempre trabalhei por algo social em paralelo, e isso talvez foi o que uniu as duas coisas, o que eu sentia e o que pensava, e o que depois pude fazer (Fonseca, 2006).

Observamos que Elena narra uma identificação imediata com o texto de Simone de Beauvoir, como se antes de sua leitura já tivesse uma reflexão sobre os temas tratados no livro e que viriam a ser instrumentalizados depois, no momento em que participaria ativamente com grupos de mulheres no Uruguai. Veremos no depoimento da Prof^a Rachel Soihet, mais adiante, essa mesma forma de identificar a leitura de *O segundo sexo* como uma reflexão latente.

Ainda tomando o trabalho de Marcela Narí como um interlocutor ao meu debate, a autora argentina defende em seu artigo a ideia de uma leitura privada do livro de Simone de Beauvoir, concluindo que não há relatos de leituras coletivas de *O segundo sexo* nos grupos de conscientização feministas argentinos. Contudo, podemos supor alguma leitura coletiva desse texto ao nos depararmos com mais um trecho do relato de Sara Torres (2007) sobre suas leituras. A feminista entrevistada narrou ainda a dificuldade que era no período em que fez parte da UFA de conseguir um livro, traduzi-lo, datilografá-lo, copiá-lo através do mimeógrafo, para posteriormente distribuí-lo às demais. Além disso, esse trabalho empreendido em grupo deu início à articulação de “grupos de conscientização”, uma vez que as feministas reunidas para tais atividades acabavam por trocar experiências, e podemos pensar também em termos de leituras.

Assim como vimos na fala de Sara Torres, Graciela Sapriza (2006), historiadora feminista uruguaia e professora da Universidade da República do Uruguai, também narra uma leitura coletiva de *O segundo sexo* ainda no final da década de 1960 – logo, anos antes da ditadura uruguaia (1973-1985). Para ela, a leitura se deu na sua juventude com um grupo de amigas e foi uma identificação incipiente com o feminismo.

[...] fui uma leitora adolescente, 14 e 15 anos, de Simone de Beauvoir, porque tive uma formação bilíngue francesa e espanhola [...] eu li muito o existencialismo de Sartre e Simone de Beauvoir, li também “O Segundo Sexo”, com algumas parceiras, digamos, com algumas companheiras, estou falando de 16 anos, 17. Comentávamos “O Segundo Sexo”, e de alguma forma, sim, nos moveu um pouco, simultaneamente pensava também na militância política, nesses anos foram muito ativos, de muito compromisso político [...] (Sapriza, 2006).

Graciela, que fez parte do Grupos de Acción Unificadora (GAU), narra que foi para a Espanha e que muitas mulheres tiveram suas aproximações com o movimento feminista no exílio no contato com outras mulheres. É interessante percebermos também em sua fala a influência do existencialismo entre as leituras da época, como visto anteriormente.

Através das pesquisas para a elaboração da minha dissertação de mestrado sobre as leituras feministas de *O segundo sexo* no Brasil (Borges, 2007), pude perceber que o conhecimento sobre a singularidade do texto e a importância de Simone de Beauvoir no cenário das discussões brasileiras aconteceram, inicialmente, ainda na década de 1950, por pessoas que tiveram um contato mais próximo com as leituras estrangeiras, assim como em ambos os casos apresentados pelas feministas uruguaias Elena Fonseca e Graciela Sapriza. O livro, entretanto, seria publicado em português no Brasil em 1960, pela Difusão Europeia do Livro – Difel (Meira, Mauritônio apud Romano, 2002, p. 137).

A circulação de conhecimento sobre a obra teria se intensificado durante os 1960 e 1970, quando informações sobre a repercussão do texto em outros países foram difundidas entre os círculos literários, provocando uma procura pela leitura nos meios acadêmicos, intelectuais e de militância feminista. Esse contato também foi se fortalecendo à medida que as informações chegavam através das pessoas que estavam no exterior e pela visita da autora francesa ao Brasil, em 1960. De acordo com Maria Valderez Coelho da Paz, no livro *Memórias das mulheres no exílio*:

Me tornei feminista em Paris. Comecei abrir os olhos em contato com um tipo de informação que passou a ser veiculada partir da existência do Movimento de Libertação das Mulheres. [...]. Ler publicações feministas. A convivência e discussão com outras mulheres, francesas e brasileiras, que já se preocupavam com o assunto. Essas novas informações começam a pôr em cheque os valores que eu tinha e repercutiram no modelo assimilado [...] (Depoimento de Maria Valderez Coelho da Paz, abril de 1978) (Costa, 1980, p. 350).

Com a anistia, em 1979, as exiladas retornaram ao país trazendo não somente novas experiências e discussões, mas também leituras, arregimentando dessa forma o movimento feminista ainda em fase de

fortalecimento no Brasil (Toscano, 1999, p. 23). Essas mulheres tiveram acesso tanto às mobilizações em benefício de direitos às mulheres em outros países, como também à possibilidade de discutirem abertamente as instrumentalizações teóricas que recebiam através de leituras como, por exemplo, *A mística feminina*, de Betty Friedan; *Política sexual*, de Kate Milliet; *A condição da mulher*, de Juliet Mitchell; *A dialética do sexo*, de Sula-mith Firestone etc.

Outras feministas brasileiras, embora não exiladas, mantiveram contato com essas pessoas por correspondência, como é o caso das organizadoras dos jornais *Nós Mulheres* e *Brasil Mulber*, que em meados da década de 1970 mantiveram contato com o Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris, formado por feministas de esquerda e mulheres autônomas que haviam se exilado na França após a instalação da ditadura militar no Brasil (Leite, 2003, p. 234-241).

Ângela Xavier de Brito, socióloga pesquisadora do CNRS-Université de Paris V, foi militante da Ação Popular (AP). Relata que tomou conhecimento das lutas das mulheres em contato com Zuleika Alambert, quando esteve exilada no Chile, mas foi no exílio na França, em 1973, que se autoidentificou como feminista, ao participar do Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris. Contudo, sua leitura de *O segundo sexo* ocorreu na juventude, quando ainda estava no Brasil, e anos antes de entrar para a AP.

“O segundo sexo” me impressionou muito [...]. Li “O segundo sexo” quando eu estava no segundo ou terceiro clássico, devia ter 18 para 19 anos, eu li “O segundo sexo” inteiro. [Joana Maria Pedro: Isso te impressionou?] Muito, muito, eu achei fantástico [...] o que a Simone de Beauvoir tinha coragem de dizer. Eu sempre li muito (...) li tudo que me passava na mão [...] então eu devo ter lido outras coisas que podia ter influência feminista (Brito, 2005).

As falas das feministas brasileiras e argentinas indicam como se deram os primeiros contatos do texto com suas leitoras. Através das minhas pesquisas para a dissertação, percebi que o acesso ao ensaio de Beauvoir se dava muitas vezes por empréstimo de alguma amiga ou irmã, por intermédio de um professor nas universidades, através dos grupos de mulheres, em português ou francês, pela aquisição em livrarias etc. Isso nos

mostra como o debate sobre a “condição da mulher”, lançado por Simone de Beauvoir em 1949, começou a circular nos meios acadêmicos e, sobretudo, de militância feminista no Brasil e na Argentina.

Sandra Maria da Mata Azeredo, que foi militante da AP em 1964, hoje professora de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais, identificou-se com o feminismo em 1971 quando foi para os Estados Unidos. Sua possível leitura de *O segundo sexo* teria ocorrido por intermédio da irmã durante meados da década de 1960, embora enfatize que a leitura que mais lhe marcou teria sido outro texto de Simone de Beauvoir.

Eu tinha por volta de 18 e 19 anos. Minha irmã é três anos mais velha que eu; é filósofa, uma grande leitora. Ela adora livros. Ela tem, aliás, uma grande influência na minha formação. E ela leu todos os livros da Simone de Beauvoir, e parece que ela me deu “O segundo sexo”. De qualquer forma, não me lembro se era “O segundo sexo”, acho que ela me deu depois, mas o livro que me marcou muito da Simone de Beauvoir foi o “Memórias de uma moça bem comportada”. É... eu devo ter lido com 18, 19 anos (Azeredo, 2003).

Eulália Azevedo, feminista baiana que foi militante da Juventude Estudantil Católica (JEC), do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e posteriormente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), hoje pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), narra que fez sua leitura de *O segundo sexo* por intermédio de uma amiga:

Eu já tinha lido Beauvoir nesse período. [...] quando eu entrei no partido, junto com a leitura de Marx, que já era anterior um pouco, e vim mesmo a reafirmar essa leitura e o estudo de Marx foi quando eu assumi o PC do B. Eu também já comecei a fazer leituras de Beauvoir junto com essa menina que era psicóloga de lá de Belo Horizonte, que as amigas dela já questionavam também muito essas questões (Azevedo, 2004).

Algumas leituras do texto de Simone de Beauvoir ocorreram concomitantemente a outras leituras fundamentais para as(os) integrantes dos

movimentos sociais ou partidos políticos que se opunham ao regime militar instaurado no Brasil. Havia um diálogo teórico entre os diferentes movimentos sociais que buscavam mudar a sociedade tanto nos aspectos políticos e econômicos como nas questões socioculturais. Através da narrativa de Eulália observamos que a leitura de *O segundo sexo* teria ocorrido juntamente com o estudo da produção textual de Marx, uma das leituras daquele momento de mobilização dos partidos de esquerda.

Apesar de ser comumente citado nas falas como uma das leituras-chave realizadas no período de engajamento com a causa feminista, algumas das entrevistadas, entretanto, não situam *O segundo sexo* como a leitura de maior relevância, uma vez que viviam outras situações no momento da leitura. Suely Gomes da Costa – inicialmente militante universitária e, posteriormente, filiada à Ação Popular, hoje professora da Universidade Federal Fluminense – narra que leu *O segundo sexo* em português, no ano de 1962, por sugestão de um professor durante sua época de faculdade:

[...] qual foi o impacto dessa leitura. Eu acho que não foi nenhum. Foi uma coisa muito cerebral. Eu era militante, nessa época fazia o curso de serviço social. Eu era militante de esquerda, representante de Diretório Acadêmico, fazia política universitária, então eu não tive nada do que o feminismo pintou em mim com essa leitura (Costa, 2005).

Qualificando-o como “doentio”, “chato”, “cerebral” e “psicanalítico demais”, vemos que algumas leitoras não atribuíram ao texto de Beauvoir o status de “marco histórico” para o movimento feminista. Algumas falas apresentaram as primeiras impressões da leitura de *O segundo sexo* como um texto denso; umas começaram a ler e não terminaram; outras afirmaram que não gostaram, mas que à medida que o tempo passou retornaram à leitura e se sentiram “encantadas”; e há ainda aquelas que negaram toda e qualquer influência do texto em suas vidas. Entretanto, a maioria – tanto entre as brasileiras como também entre as argentinas e as uruguaias – fez questão de reconhecer uma relevância, o pioneirismo e a singularidade da autora e do texto para o debate feminista internacional.

Rachel Soihet, professora na Universidade Federal Fluminense, afirma ter lido *O segundo sexo* em francês, no fim da década de 1950, e também indica outras leituras que teria feito posteriormente ao texto de

Simone de Beauvoir, e que teriam sido igualmente relevantes ao movimento feminista naquele momento.

Simone de Beauvoir. [...] Foi década de 50, 60, quando foi traduzido. Eu li ainda o francês que tenho até hoje. [...] Ainda não tinha edição em português. [...] Depois eu li outras coisas: a Betty Friedan, a Sulamith – aí já bem mais a frente. A Simone de Beauvoir me impressionou muito. Eu me identifiquei muito com a leitura, que já era uma coisa que estava dentro de mim. Mais tarde eu li “A mística feminina”, isso já foi mais tarde. [...] Ela veio lançar o livro, eu sei, aí eu não devo ter lido em 71, li mais ou menos, talvez nessa época que você está colocando (1973). Aí fiz outras leituras, me lembro da Shulamith Firestone, esses livros que saíram na época (Soihet, 2004).

De uma forma ou de outra, as leituras de *O segundo sexo* no Brasil foram realizadas pelas feministas entrevistadas na medida em que a leitura se apresentava como uma senha de acesso ao que vinha sendo debatido nos movimentos feministas ao redor do mundo, um meio de legitimação. Ler de forma fragmentada, integral, ou até mesmo obter e indicar informações mesmo que esparsas sobre a obra e sua autora, era também mostrar-se inserida em um círculo intelectual feminista que tinha suas ditas “leituras de base”. Segundo Maria Lygia Quartim de Moraes:

As feministas marxistas brasileiras incluíam em sua bibliografia obrigatória autores como Marx, Engels, Alexandra Kollontai, Simone de Beauvoir e Juliet Mitchell. As preferências literárias das feministas revelam a preocupação com certas questões centrais para as quais o marxismo fornecia um modelo explicativo. Urgia enfrentar o discurso conservador que preconizava a conformidade da mulher com seu destino de mãe e esposa (Moraes, 2000, p. 92).

O momento político vivido pelas feministas brasileiras, argentinas e uruguaias entrevistadas, bem como suas experiências individuais e coletivas nos movimentos sociais, aponta-nos as orientações históricas que estavam influenciando essas leitoras na produção de sentidos que extraíram de suas leituras de *O segundo sexo*.

Partindo do que é narrado nas entrevistas, percebemos que havia naquela época, ao menos para algumas das feministas brasileiras e argentinas, um interesse maior por leituras que se aproximassem do marxismo e do pensamento de esquerda, e a preferência por Juliet Mitchell¹⁶ e Alexandra Kollontai são exemplos dessa tendência, que se justifica pelo próprio contexto repressivo vivenciado nesses países nos anos 1960 e 70. Mirta Henault, por exemplo, narra em sua entrevista que foi o texto de Juliet Mitchell *Mulheres: A revolução mais longa* que lhe teria despertado a identificação com a causa feminista nos anos 1970. O contato com o texto se deu enquanto fazia parte da Nueva Mujer, por intermédio de um colega que lhe pediu para traduzi-lo:

E depois, um companheiro me perguntou: “você se anima a traduzir isso do inglês?” Eu disse que sim, tudo bem. E era “A revolução mais longa”, de Juliet Mitchell, que é uma feminista psicanalista inglesa. E que trata justamente do tema das mulheres na esquerda. E então, foi súbito[...]. Foi súbita, assim, da manhã pra noite. Então, eu, me levantei marxista e fui dormir feminista. Até comecei a estudar e problematizar como, não somente o tratamento diário dado à mulher, como também a teoria marxista a respeito das mulheres (Henault, 2007).

Em relação ao contexto político dos países, Marcela Narí, em seu artigo, não destaca a questão dos períodos de regime militar na Argentina como uma possibilidade na escolha das leituras. Contudo, Alejandra Ciriza – feminista argentina entrevistada para o projeto Cone Sul – citou Simone de Beauvoir e Alexandra Kollontai, entre outras, como autoras importantes em sua formação. Com a proposta de levantar questões sobre o feminismo em meio à célula de esquerda na qual militava, a entrevistada passou a levar textos de Alexandra Kollontai às reuniões para que o feminismo socialista fosse debatido conjuntamente a outras leituras do grupo, como os textos de Engels (Ciriza, 2006).

16 Algumas feministas citam o artigo “Mulheres: a revolução mais longa”, de Juliet Mitchell, que foi publicado na *Revista Civilização Brasileira*, ano III, n. 14. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, jul. 1967. Bimestral. Importante atentarmos para o fato de que através da leitura desse artigo algumas feministas possam ter tomado conhecimento do texto de Beauvoir. Ou seja, a leitura do livro através de outros suportes, neste caso, o artigo de Juliet Mitchell, é um exemplo.

É provável que na Argentina e no Uruguai, assim como percebi no Brasil, tenha existido um interesse maior por leituras que se aproximassem das teorias marxistas e socialistas, o que se justificaria pelo próprio momento político desses países. Esse interesse inicialmente apresentava-se através de uma “dupla militância”: atuação nos grupos feministas e nos partidos políticos durante os períodos de ditadura militar, que com os anos foi se desarticulando e se direcionando para o projeto feminista (Grammatico, 2005). E, nesse sentido, as minhas pesquisas e observações continuam.

Partindo das narrativas memorialísticas abordadas, tanto no trabalho de Marcela Narí como as que estão sendo produzidas pelo projeto de pesquisa “Movimento de Mulheres e Feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)”, observo duas questões que se apresentam pertinentes às propostas da história da leitura e com o que venho desenvolvendo como tese¹⁷. Primeiramente, havia um momento contestatório à ditadura militar como pano de fundo dessa geração de leitoras entrevistadas e que as influenciava em relação à escolha das leituras que deveriam ser realizadas. Concomitante a isso, havia a história pessoal de cada uma delas, suas experiências, o que age decisivamente sobre as leituras.

Alda Motta, feminista brasileira e pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) da Universidade Federal da Bahia, afirma ter lido *O segundo sexo* traduzido para o português na transição dos anos 1950 para os 1960, e lembra ter achado Beauvoir “psicanalítica demais” no primeiro volume da obra, intitulado “Fatos e Mitos”. Para Alda, o primeiro volume não mostrava uma relação com o momento em que estava vivendo: “não gostei e abandonei”, diz. Entretanto, após ler o segundo volume – “A Experiência Vivida” –, Alda afirma ter mudado sua visão:

Como eu encontrei Simone, não me lembro muito. Talvez pela literatura, mas eu não li as obras literárias dela, a não ser alguma coisa. Eu comecei pelo “O segundo sexo”. Quando eu li, quando

17 Atualmente estou trabalhando na minha tese de doutorado, iniciada em 2008 sob o título provisório “Uma história da leitura dos movimentos feministas no Brasil e Argentina (1964-1989)”, com orientação da Profª. Drª Joana Maria Pedro.

eu tive acesso, que eu não me lembro, ao segundo volume, aí toda minha visão mudou. Eu fiquei encantadíssima. Aquele capítulo “*A moça*” era um retrato do meu tempo de jovem e ainda algum tempo depois. Tinha umas coisas que eu achava geniais [...]. E aí eu fui descobrindo outras pessoas, por exemplo, alguém que era muito pouco conhecida [...] a Germaine Greer (Motta, 2004).

Podemos perceber através das narrativas memorialísticas fornecidas por essa geração de feministas que vivenciaram as ditaduras militares algumas características interessantes e narradas em comum: a influência do existencialismo e dos autores franceses Sartre e Beauvoir nos círculos acadêmicos e intelectuais latino-americanos desse período; a importância dos escritos de Virginia Woolf, sobretudo para as feministas argentinas; e as outras leituras que se fizeram concomitantemente a *O segundo sexo*.

Observamos ainda as épocas em que o texto foi lido, os momentos pessoais e coletivos (na juventude, durante o casamento, nos períodos de militância nos grupos de esquerda etc.), de que maneira conseguiram ter acesso à leitura (o texto foi apresentado, emprestado ou adquirido), e ainda se leram sozinhas ou em grupo. Vimos que para algumas das entrevistadas a identificação com o ensaio de Simone de Beauvoir foi imediata, como se elas já tivessem realizado uma reflexão anterior à leitura. Para outras, no entanto, a escrita e o diálogo filosófico de Beauvoir se apresentaram como um entrave ao entendimento e até mesmo à leitura completa do texto.

O que pretendi nesta reflexão foi observar as narrativas na capacidade que elas têm de fornecer elementos para a construção de uma subjetividade socialmente compartilhada. Ou seja, de tornar possível a realização de uma história da leitura feminista para uma determinada geração de leitoras brasileiras, argentinas e uruguaias que compartilhou trajetórias pessoais e experiências similares, caracterizadas por períodos históricos vivenciados coletivamente.

Entrevistas

AZEREDO, Sandra da Maria da Mata. Florianópolis: 27 nov. 2003. Entrevista realizada à Profª. Drª. Joana Maria Pedro e transcrita por Joana Vieira Borges. Revisada por Luciana

- F. Klanovicz e corrigida pela entrevistada. Acervo do LEGH/UFSC.
- AZEVEDO, Eulália. Salvador: 3 dez. 2004. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Joana Maria Pedro. Acervo LEGH/UFSC.
- BARRANCOS, Dora. Montevideu: 15 set. 2006. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Roselane Neckel e transcrita por Margareth V. Kolb e Vivian B. Moretti. Revisada por Yarssan Dambrós. Acervo LEGH/UFSC.
- BORIA, Adriana. Córdoba/Argentina: [s/d]. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Cristina Scheibe Wolff e transcrita por Juliano Malinverni da Silveira. Acervo LEGH/UFSC.
- BRITO, Ângela Xavier de. Paris: 28 nov. 2005. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Joana Maria Pedro e transcrita por Juliano Malinverni e Veridiana Bertelli de Oliveira. Acervo LEGH/UFSC.
- CIRIZA, Alejandra. Argentina: 27 out. 2006. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Cristina Scheibe Wolff e transcrita por Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira. Acervo LEGH/UFSC.
- COSTA, Suely Gomes da. Florianópolis: 17 fev. 2005. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Joana Maria Pedro. Acervo LEGH/UFSC.
- FONSECA, Elena. Uruguai: set. 2006. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Roselane Neckel e transcrita por Gabriela Miranda Marques. Revisada por Yarssan Dambrós. Acervo LEGH/UFSC.
- HENAUULT, Mirta. Buenos Aires: 23 fev. 2007. Entrevista realizada por Ana Maria Veiga e transcrita por Soraia Carolina de Mello. Acervo LEGH/UFSC.
- MOTTA, Alda Britto. Salvador: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Joana Maria Pedro e transcrita por Maise Caroline Zucco. Revisada por Luciana F. Klanovicz e corrigida pela entrevistada. Acervo do LEGH/UFSC.
- SOIHET, Rachel. Florianópolis: 2 set. 2004. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Joana Maria Pedro e transcrita por Maria Cristina Athayde. Revisada por Luciana F. Klanovicz e corrigida pela entrevistada. Acervo do LEGH/UFSC.
- SAPRIZA, Graciela. 2006. Entrevista realizada pela Prof^ª. Dr^ª. Roselane Neckel e transcrita por Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira. Acervo LEGH/UFSC.
- TORRES, Sara. Buenos Aires: mar. 2007. Entrevista realizada e transcrita por Ana Maria Veiga. Acervo LEGH/UFSC.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1975. v. 2

- BORGES, Joana Vieira. *Para além do “tornar-se”*: ressonâncias das leituras feministas de *O Segundo Sexo* no Brasil. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- CHARTIER, Roger (Org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COSTA, Albertina de O. et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. V. 5: O Século XX. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1995.
- GERASSI, John. O segundo sexo 25 anos depois. Entrevista com Simone de Beauvoir. *Society*, Jan.-Feb. 1976, 79-85. Disponível em: <http://www.simonebeauvoir.kit.net/artigos_p02.htm>. Acesso em: 13 jan. 2007.
- GRAMMATICO, Karin. Las mujeres políticas y las feministas en los tempranos setenta: un diálogo (im)posible? In: ANDÚJAR, Andrea; D’ANTONIO, Débora et alí (org.). *História, género y política en los 70*. Buenos Aires: Feminaria, 2005.
- LEITE, Rosalina de Santa Cruz. *Brasil Mulher e Nós Mulheres*: Origens da Imprensa Feminista Brasileira. *Estudos Feministas*, v. 11, n.1, p. 234-241, 2003.
- MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MORAES, Maria. Lygia. Q. de Simone de Beauvoir e o amor americano (Um tributo a Simone de Beauvoir). *CADERNOS PAGU*. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, p. 93-101, 1999.
- _____. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Crítica Marxista*, n. 11, p. 92, 2000.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o Perigo Vermelho; o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.
- NARÍ, Marcela María Alejandra. No se nasce feminista, se llega a serlo. Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir em Argentina, 1950 y 1990. In: *MORA* – Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. n. 8, p. 59-72, Diciembre 2002.
- Pedro, Joana Maria. O feminismo que veio do exílio: memórias de uma segunda onda no Brasil, na Argentina e no Uruguai (1964-1989). In: REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (org.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- PENHA, João da. *O que é Existencialismo*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PINSKY, Carla Bassanezi; Pedro, Joana Maria. Mulheres: igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Org.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 265-309.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Fapesp, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

TOSCANO, Moema apud COSTA, Cristiane. A tradição beauvorista. *Veredas*, v. 4, n. 39, p. 23, mar. 1999.

Resumo: Este artigo pretende analisar as memórias das feministas brasileiras, argentinas e uruguaias durante o período das ditaduras militares através das informações a respeito de suas leituras, buscando compreender quais obras circulavam nesses países, como foram lidas naquelas circunstâncias e quais os impactos produzidos na constituição dos movimentos feministas e nas identificações pessoais com o feminismo. Através das memórias de leitura, informadas em entrevistas, procuro perceber as ressonâncias dessas leituras não apenas na construção dos movimentos como também nas identificações pessoais dessa geração de leitoras com os feminismos.

Palavras-chave: história da leitura; memória; história do feminismo.

Readers and feminist readings in Brazil, Argentina and Uruguay (1960-1985)

Abstract: This article aims to analyze the memories of feminists in Brazil, Argentina and Uruguay during the military dictatorship through of information about their readings, trying to understand what works circulated in those countries, as they had been read in these cases and what the impacts they had produced in the constitution feminist movements and personal identification with feminism. Through the memories of reading, reported on interviews, I try to understand the repercussions of the readings not only in the construction of movements but also the personal identification of this generation of readers with feminisms.

Keywords: history of reading; memory; feminism history.